

[PRATA DA CASA][PRATA DA CASA][PRATA DA CASA]

Um país classista, mas não racista

É o Brasil descrito por Ali Kamel em livro que defende políticas sociais sem distinção de cor

Antonio Queirós/A Tarde/07-05-2004

Miguel Conde

Algumas pessoas olham o título e estranham: "Não somos racistas" (Editora Nova Fronteira, 144 páginas, R\$ 22). Com essa declaração enfática e controversa, o jornalista Ali Kamel inicia o livro que se pretende, explica o subtítulo, "uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor".

— Não quero dizer que não há racismo no Brasil — explica Kamel. — Evidentemente que há. Mas isso não faz parte do nosso caráter nacional, nem do nosso ideal de nação. Desde que a República foi proclamada todas as nossas leis são raciais. Mesmo nosso alto grau de miscigenação mostra que há alguma coisa em nosso caráter que nos faz mais maleáveis. Isso é um capital do nosso país.

"Não consigo conviver com essa idéia de raça"

Desde 2003, Kamel, diretor-executivo da Central Globo de Jornalismo, tem publicado no GLOBO artigos em que critica as cotas para negros nas universidades e procura desmontar os argumentos de quem defende ser o racismo uma característica constitutiva da cultura brasileira. Sua intervenção nesse debate, lembra, nasceu do seu espanto ao constatar que uma série de programas públicos, iniciados no governo FHC e continuados por Lula, estabeleciam uma divisão do povo brasileiro em duas raças estancadas: brancos e negros. Uma divisão sem meios-tons, como, seguindo ele, tem sido o debate sobre o assunto.

— A discussão é cada vez mais apaixonada e polarizada. Recebo e-mails de deboche ou dizendo que sou racista. Mas não fujo ao debate. Respondo a todos eles, e logo as pessoas entendem que sou um anti-racista visceral, não consigo conviver com essa idéia de raça. Não acho que lutar contra o racismo usando o conceito de raça seja inteligente.

A parte a argumentação do autor, "Não somos racistas" elucida aspectos mal explicados do debate sobre racismo no Brasil. Um deles, conhecido dos cientistas sociais, mas talvez não do grande público, é a fusão das estatísticas sobre negros e pardos sob a rubrica única "negros" nos números oficiais. Uma fusão, diz Kamel, que a um só tempo desconsidera a miscigenação étnica do Brasil e cria distor-



ESTUDANTES DA rede pública de ensino na Bahia e integrantes do movimento negro fazem manifestação pró-cotas no centro de Salvador

ções na elaboração das políticas públicas:

— É quase uma fraude juntar no mesmo balaio as duas estatísticas. É verdade, como argumentam os pesquisadores, que pretos e pardos têm o mesmo perfil socioeconômico. Mas o resultado dessa fusão é que o partido conta na hora de fazer pressão política, e não na hora de se beneficiar das cotas. Na Universidade do Mato Grosso do Sul, por exemplo, os candidatos a cotas tinham que apresentar fotos. Se não tivessem lábios grossos, nariz achatado e, na descrição dos avaliadores, "cabelo pixaim", não eram aprovados. Muitos pardos não têm essas características. A mesma coisa aconteceu na UnB.

Kamel situa na década de 1950 o surgimento da representação do Brasil como um país dividido entre negros oprimidos e brancos opressores. Foi o trabalho de sociólogos como Fernando Henrique Cardoso, afirma, que instituiu em parte da academia (e, mais tarde, no governo e em alguns setores da sociedade civil) essa visão da sociedade brasileira, a mesma que hoje é usada



pelos defensores das cotas para analisar os dados censitários do IBGE. Kamel admite que as estatísticas mostram disparidades nos níveis de renda de brancos, pardos e negros. O que ele questiona é a interpretação dos números pelo prisma do racismo:

— As estatísticas mostram desigualdade entre os chamados brancos e os chamados negros, mas não há nada que corrobore a tese de que os chamados negros vivem pior por conta do racismo. Tento mostrar o que os números podem dizer e

o que não podem dizer. Mostro, por exemplo, que os amarelos ganham quase o dobro dos brancos. Seria ridículo explicar isso dizendo que os brancos são oprimidos pelos amarelos. A diferença está na educação.

É preciso, diz, levar em conta os aspectos históricos da questão. Os negros foram escravizados e estiveram na base da pirâmide social brasileira. Isso pouco mudou porque o Brasil é um país concentrador de renda, onde os pobres tendem a continuar pobres, enquanto os ricos tendem a enriquecer.

"Políticas para negros vão criar cisão social medonha"

O fundamental, portanto, em sua opinião, são políticas que atendam aos pobres como um todo, oferecendo-lhes oportunidade de ascensão social:

— É uma frase clássica de uma certa sociologia de dez anos para: "a pobreza no Brasil tem cor, e essa cor é negra". É uma frase famosa, mas não é verdade. Negro, nas estatísticas, é a soma de pardos, que são 58,7% dos pobres, com negros, que são 7,1%. Se a pobreza no Brasil tem uma cor, ela é

parda. Além disso, os brancos são 34,2% dos pobres brasileiros. Isso dá 19 milhões de pessoas. Se você faz uma política social voltada apenas para os negros, vai ter uma cisão social com malefícios medonhos, um risco de ódio racial maluco. Um sujeito vai ter as mesmas agruras, as mesmas dificuldades do seu vizinho branco, mas, por ser negro, vai ter um privilégio que o outro não terá. Alguém acha que isso vai terminar bem? Temos que fazer políticas para os pobres. Se tem alguém que precisa ser ajudado no Brasil, são eles, não importa de que cor.

Esta ajuda, para Kamel, passa pela melhoria dos serviços públicos de educação. Ele também se opõe às chamadas "cotas sociais" para pobres.

— Estamos discutindo cotas quando devíamos discutir investimento no ensino básico. Todos os países que superaram o entrave da pobreza o fizeram através do investimento na educação. As cotas parecem uma solução mágica, mas já aprendemos, com a economia, que planos heterodoxos não funcionam. ■

RODAPÉ

AGENDA

• **SEGUNDA, DIA 21:** "Amazônia, a floresta assassinada", de Sérgio Adeodato, às 19h na Argumento (Rua Dias Ferreira 417, Leblon); "Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima", de Marcelo Timotheo da Costa, às 19h na Livraria Timbre (Shopping da Gávea); "Crônicas da Convergência", de Gustavo Franco, às 19h, no Travessão (Rua Visconde de Pirajá 572).

• **TERÇA, DIA 22:** "Por uma gênese do horizonte", de Igor Fagundes, às 18h30m no Espaço Maurice Valansi (Rua Martins Ferreira 48); "Rua dos Artistas e transversais", de Aldir Blanc, às 20h, no Centro Cultural Carioca (Rua do Teatro 37); Coleção Gente, às 20h, no Travessão.

• **QUARTA, DIA 23:** "João Clemente Baena Soares — sem medo da diplomacia", de Maria Celina D'Araújo, Celso Castro, Carolina Von der Weid e Dora Rocha (orgs.), às 19h30m, no Argumento do Leblon; "A letra do poema", de André Gardel, às 20h, no Travessão.

• **QUINTA, DIA 24:** "Poemas", de Carlos Manes, às 20h, no Travessão; "Vai dar certo", Jael Coaracy, às 20h, no Argumento do Leblon.

• ANARQUIA NO CENTRO

O Grupo de Estudos do Anarquismo (GEA) e a EdUFF promovem, na quinta-feira, o seminário "A história do anarquismo no Brasil: 100 anos do 1º Congresso Operário Brasileiro", no qual será lançado o livro "A história do anarquismo no Brasil, volume 1" (EdUFF/Mauad). Os debates acontecerão das 10h às 18h na Biblioteca Nacional.

• NO SUBSOLO

Ique e André Dahmer conversam sobre "O traço do humor: olhares sobre o cotidiano" às 18h30m de quarta na Leonardo Da Vinci (Avenida Rio Branco 185, subsolo), dentro da série "Encontros no subsolo".

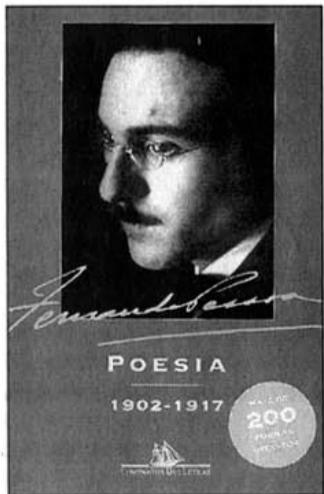
• MARCELO GLEISER

Marcelo Gleiser conversa com leitores e autografa seu livro "A harmonia do mundo" às 19h de segunda-feira, na Caixa Cultural (Av. Chile 230).

• BIENAL NO CEARÁ

De hoje a segunda acontece a 7ª Bienal Internacional do Livro do Ceará, que abrigará o 1º Encontro Nacional de Revistas e Periódicos Literários. A equipe da revista literária Paralelos representa o Rio.

LANÇAMENTOS



Poesia: 1902-1917, de Fernando Pessoa
• Editora Companhia das Letras, 496 páginas • R\$ 50

• Este é o primeiro de três volumes que reúnem poemas que Fernando Pessoa preferiu não atribuir a

nenhum de seus heterônimos. Por muito tempo, acreditou-se que essa parte de sua obra resumia-se ao livro "Mensagem" e a alguns outros poemas avulsos, publicados em periódicos e reunidos em "Ficções do interlúdio". Mas, ao longo dos anos, pesquisadores descobriram novos manuscritos de Pessoa. A partir de alguns deles, foi editado o "Livro do desassossego", atribuído ao "semi-heterônimo" Bernardo Soares.

Este volume inicial reúne mais de 200 poemas inéditos de Pessoa, escritos entre 1902 e 1917. O livro apresenta escritos da adolescência, o envolvimento do escritor com o simbolismo e a poesia de ruptura ligada ao movimento modernista. É, simultaneamente, uma coletânea e um registro da formação literária de um dos maiores poetas da língua portuguesa.

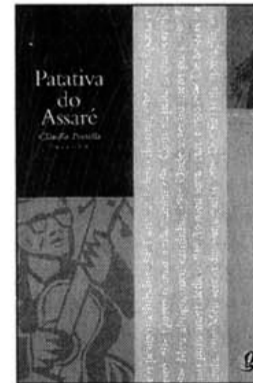


O espírito da filosofia medieval, de Étienne Gilson.
Tradução de Eduardo Brandão • Editora Martins Fontes, 591 páginas • R\$ 68

• Gilson argumenta que a Idade Média produziu não apenas literatura e arte cristãs, mas também uma filosofia cristã. "O espírito da filosofia medieval é o espírito cristão, que penetra a tradição grega, fazendo-a produzir uma visão de mundo especificamente cristã", explica o autor do livro.

Os porcos-espinhos de Schopenhauer, de Deborah Anna Luepnitz. Tradução de Vera Ribeiro • Editora José Olympio, 294 páginas • R\$ 39

• A partir de uma fábula do filósofo Arthur Schopenhauer sobre porcos-espinhos que se aproximam para se aquecer num dia de inverno, mas começam a se espantar e se separar, a autora, psicoterapeuta, relata casos clínicos e examina o papel do diálogo na terapia.



Patativa do Assaré, de Patativa do Assaré, com organização de Cláudio Portella • Editora Global, 384 páginas • R\$ 39

• Parte da coleção "Melhores poemas", este volume homenageia o poeta autodidata cearense. Os poemas são escritos ora em forma erudita, ora de maneira a representar a linguagem do sertanejo. O organizador da antologia, Cláudio Portella, também é poeta e cearense.

Pequenas epifanias, de Caio Fernando Abreu • Editora Agir, 206 páginas • R\$ 34,90

• Reunião de crônicas publicadas pelo escritor no final da década de 1980 e começo da década de 1990 no jornal "Estado de S. Paulo". Caio estava "disposto a fazer da crônica uma narrativa explicitamente autobiográfica e escandalosamente literária", diz Antonio Gonçalves Filho na apresentação do livro.



Escritos de artistas: anos 60/70, de Glória Ferreira e Cecília Coimbra (orgs.). Tradução de Pedro Süsskind, Fernanda Abreu, Eliana Aguiar, Flávia Anderson e André Telles • Editora Jorge Zahar, 464 páginas • R\$ 49

• Reunião de textos produzidos nos anos 60 e 70 por artistas e grupos de diversas tendências, áreas de atuação e nacionalidades, o volume traz escritos clássicos até agora indisponíveis no Brasil.

Brasil, um país do futuro, de Stefan Zweig. Tradução de Kristina Michalhes • Editora L&PM, 262 páginas • R\$ 16

• Nova tradução, lançada em formato de bolso, do clássico relato sobre o Brasil feito pelo escritor austríaco, que passou seus últimos anos aqui. Zweig fala sobre a Bahia, o Recife, o Rio e São Paulo, combinando observações dos costumes locais com análises sobre a história e a economia do Brasil.

